Evento:XXVI Jornada de Extensão

DA OBSERVAÇÃO À COMPREENSÃO: A DOCÊNCIA COMO ATO HUMANO[1]

Rosiele Felício Bueno[2], Marciane de Campos Franck[3]

[1] Projeto com financiamento externo. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.
[2] Acadêmica do curso de Educação Física Licenciatura pela Unijuí. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: rosielefelicio@yahoo.com.br.
[3] Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professora de Educação Física da rede pública de Santa Rosa/RS. E-mail: marcianefranck@gmail.com

INTRODUÇÃO

Para que servem as escolas? Essa é uma pergunta comum entre as crianças, e frequentemente respondida com um simples “para aprender”.

Essa resposta comum, é pouco esclarecedora. Afinal, aprender o quê? Com qual finalidade? Apenas para ingressar no mercado de trabalho? Ou para desenvolver uma consciência crítica sobre a realidade? É preciso refletir se estamos formando sujeitos apenas para reprodução daquilo que está posto, ou, para compreender o mundo em que vivem, por meio da reflexão crítica, agindo de forma ética, solidária e justa.

Este trabalho é fruto da experiência vivenciada por meio da docência compartilhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

O PIBID aproxima os licenciandos da realidade escolar durante a formação, oferecendo vivências práticas que enriquecem sua qualificação. Por meio da observação, da prática e da interação com a escola, os participantes ampliam a compreensão do trabalho docente, enquanto os professores supervisores também refletem sobre sua prática e contribuem na formação dos futuros educadores.

Está produção se utiliza de relatos de uma experiência em docência compartilhada, com abordagem qualitativa do tipo revisão bibliográfica. Portanto, além do diálogo com outros autores, utilizamos de minha experiência prática (na docência compartilhada), por meio dos registros em diário de campo. Assim, buscamos refletir sobre o papel social da escola à luz das ideias de Michael Young (2007).

Por meio da observação cotidiana, apresentamos a importância da escola como espaço de acesso ao que o autor denomina “conhecimento poderoso”, saberes que ultrapassam as

experiências imediatas dos estudantes e possibilitam a construção de uma compreensão mais ampla e crítica do mundo.

Conforme aponta Michael Young, a escola deve ser um espaço de acesso a um conhecimento que amplia as possibilidades de compreender e agir no mundo. No entanto, durante as observações de campo, percebi que a relação dos alunos com o conteúdo escolar é atravessada por uma variedade de sentimentos, que interferem diretamente no processo de aprendizagem.

Em alguns momentos, surgem frustrações por não conseguirem realizar uma tarefa, por se compararem com os colegas ou por pequenos desentendimentos entre si.

Em outros, aparecem sentimentos positivos, como o entusiasmo ao cantar uma música, a alegria de compartilhar uma lembrança ou o gesto espontâneo de abraçar um amigo. Esses sentimentos, sejam por medo/insegurança ou por confiança/entusiasmo, mostram que a aprendizagem não é apenas um ato cognitivo, mas também profundamente emocional e relacional.

METODOLOGIA

A pesquisa que foi realizada pode ser considerada uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica.

Para Gil (2002 pg. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

A construção deste trabalho partiu da observação direta realizada com alunos das turmas Pré I e II durante as atividades do PIBID. Após cada vivência, registrei minhas percepções em um diário de campo, adotando uma escrita livre, porém com intencionalidade acadêmica.

Posteriormente, selecionei trechos desse diário que permitissem problematizações à luz de autores como Michael Young, por meio do artigo “Para que servem as escolas”, cujas ideias serviram como base para refletir sobre a prática pedagógica observada. Além disso, utilizei o “Manual de Avaliação Motora” de Francisco Rosa Neto para fundamentar teoricamente questões relacionadas à Educação Física Infantil, numa abordagem da psicomotricidade, e recorri à obra “Como elaborar projetos de pesquisa”, de Antônio Carlos Gil, para estruturar metodologicamente o trabalho.

A análise dos textos foi feita a partir da busca por convergências entre as teorias propostas e as experiências vividas, resultando em uma reflexão construída a partir da realidade concreta da escola, dos alunos e da prática docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cotidiano observado em sala de aula, ficou evidente que o acesso ao conhecimento não depende apenas do conteúdo transmitido, mas de uma série de condições cognitivas, emocionais e estruturais que influenciam diretamente a aprendizagem.

> No geral, as crianças se mostraram muito carinhosas e, em sua maioria, disciplinadas. No entanto, notei que, especialmente no Pré I, há bastante dificuldade de concentração: qualquer estímulo externo é suficiente para dispersar a atenção. Além disso, percebi que algumas crianças não compreendem de imediato o que é solicitado, mesmo com demonstrações claras da professora. Muitas vezes, é necessário pegar na mão da criança para guiá-la, como no caso da atividade com o zigue-zague, ou indicar fisicamente a posição correta ao dizer "senta aqui atrás da sua colega", e apontar o local. Acredito que essas dificuldades estejam relacionadas à idade e ao processo natural de desenvolvimento. Já no Pré II, observei que as crianças têm maior autonomia. Organizam-se melhor e compreendem com mais facilidade as instruções. No entanto, são mais agitados: gostam de conversar, contar histórias, cantar, dançar e abraçar os colegas. Isso faz com que a professora precise redirecioná-los constantemente, solicitando que voltem aos seus lugares diversas vezes. (Registro de diário de campo, maio de 2025)

Essas observações revelam que o trabalho docente exige, além do domínio dos conteúdos, uma escuta sensível e estratégias constantes de mediação. Young (2007), destaca que a escola deve garantir o acesso ao "conhecimento poderoso", aquele que não é aprendido no cotidiano familiar, e sim estruturado de forma intencional no ambiente escolar. No entanto, a eficácia dessa transmissão depende também da capacidade da escola de acolher o ritmo de aprendizagem de cada criança, respeitando suas necessidades emocionais e cognitivas. Sem essa mediação cuidadosa, esse conhecimento corre o risco de permanecer inacessível.

Além disso, apesar de a prática docente observada exigir muitas vezes que o adulto guie fisicamente os alunos, como apontar onde se sentar ou ajudar na coordenação de atividades motoras, não se trata de uma "transmissão mecânica" de conhecimento. Pelo contrário, evidencia o quanto, mesmo nos pequenos gestos, o aluno participa ativamente do processo, construindo sentido com base nas suas próprias experiências.

Essas aprendizagens também se expressam de forma marcante nas aulas de Educação Física, onde o movimento corporal é o principal instrumento pedagógico. É nesse espaço que o envolvimento ativo das crianças ocorre de forma mais livre e significativa, contribuindo para o

desenvolvimento de habilidades motoras essenciais, como equilíbrio, coordenação e noção de espaço. Esses aspectos não apenas fortalecem a estrutura corporal, mas também favorecem a atenção, a organização do pensamento e a preparação para a alfabetização.

Outrossim, cabe destacar a relevância do ensino embasado pelo desenvolvimento motor, essencial para autonomia e independência da criança em suas atividades diárias, intelectuais e de relacionamento social. Para Neto (2002, p. 12):

> [...] A atividade motora é de suma importância no desenvolvimento global da criança. [...] As habilidades motrizes são auxiliares na conquista de sua independência. Em seus jogos e em sua adaptação social, a criança dotada de todas as possibilidades para mover-se e para descobrir o mundo é, na maior parte das vezes, uma criança feliz e bem adaptada. Um bom controle motor permite à criança explorar o mundo exterior aportando-lhe as experiências concretas sobre as quais se constroem as noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual.

Ao observar atividades como a do zigue-zague, ou a constante mediação da professora nas relações sociais, percebi que o conhecimento trabalhado vai além dos conteúdos formais. Essa situação reforça o que Young (2007) afirma: a aprendizagem não se dá de forma passiva; ela exige envolvimento e mediação constante, especialmente na educação infantil. Trata-se de ensinar formas de convivência, coordenação, escuta e autonomia. Estar atento a esses aspectos é fundamental na escolha consciente do currículo, para que ele não exclua saberes importantes para a formação humana.

Ademais, de acordo com Young (2007), a presença da autoridade no ambiente escolar é algo esperado, porém ela deve ser exercida de maneira aberta ao diálogo e à crítica construtiva.

A autoridade pedagógica da professora se manifesta de forma cuidadosa e afetiva, sendo constantemente desafiada pelas interações espontâneas dos alunos. Essa dinâmica demonstra que, como propõe Young (2007), a autoridade docente não é um poder rígido, mas um espaço de negociação, que exige responsabilidade na forma como se conduz a aprendizagem e se organiza o cotidiano escolar.

Dessa forma, torna-se fundamental refletir sobre qual conhecimento está sendo oferecido na escola e se ele, de fato, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão do mundo. Para Young (2007), existe um tipo de conhecimento que tem o potencial de deslocar os sujeitos de suas condições imediatas e promover uma visão mais ampla da realidade. Trata-se do que ele denomina “conhecimento poderoso”, aquele que, por ser mais abstrato e teórico, permite compreender, julgar e agir de forma mais crítica e contextualizada.

> “É esse conhecimento independente de contexto que é, pelo menos potencialmente, adquirido na escola e é a ele que me refiro como conhecimento poderoso. [...] Para

> crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares." (YOUNG, 2007, p. 1296 - 1297)

A partir dessa perspectiva, a escola tem uma responsabilidade social significativa: não apenas validar a experiência dos alunos, mas também oferecer acesso a saberes que muitas vezes não estão disponíveis em suas comunidades ou famílias. Isso reforça a importância de um currículo bem estruturado, que considere as desigualdades e amplie as possibilidades de futuro, em vez de manter os alunos limitados às condições de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no âmbito do PIBID permitiu vivenciar de forma concreta os desafios e as potências da prática docente na Educação Infantil, nas aulas de Educação Física. As observações realizadas nas turmas de Pré I e II revelaram que o processo de aprendizagem ultrapassa a transmissão de conteúdos e exige mediação sensível, escuta ativa e um currículo intencionalmente estruturado para promover o desenvolvimento integral da criança.

Ao dialogar com as teorias de Michael Young, foi possível refletir sobre o papel da escola na promoção do "conhecimento poderoso", que amplia as possibilidades de compreensão e ação no mundo. A partir da análise das práticas pedagógicas observadas, fica evidente que o movimento, as interações sociais e a afetividade são elementos fundamentais na formação das crianças pequenas. Conclui-se, assim, que um currículo que considere esses aspectos pode contribuir para uma educação mais justa, significativa e transformadora.

Palavras-chave: Educação Infantil. PIBID. Prática docente. Desenvolvimento motor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

NETO, F. R. Manual de avaliação motora. Porto Alegre, Artmed, 2002.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.